

poéticas políticas

# Gesteira Velho

## Parte I: Violação do Mundo

### Gesteira Velho – Part I: World Violation

**Guilherme Cavicchioli Uchimura<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: gcuchimura@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2457-6349>.

#### Como citar este trabalho

UCHIMURA, Guilherme Cavicchioli. Gesteira Velho. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, v. 8, n. 2, jul./dez. 2022, Brasília, p. 467-472.

**insurgência**

*InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais* | v. 8 | n. 2 | jul./dez. 2022 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS  
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.  
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.  
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.





## **Gesteira Velho**

### Parte I: Violação do Mundo

Monstruosidades que descem dos montes,  
como se misturassem ao arrepio  
das jusantes gentes, à pele gasta,

e como a chuva, ao poente, molhasse  
tijolos de uma torre despencada,  
e como a igreja silenciasse e, apenas

nas memórias pensas, rouqueasse o sino,  
como do mundo não mais se soubesse  
nenhuma forma certa ou acertada,

ruínas prenes da máquina do mundo,  
vendo o ventre vago de um rio ruidoso,  
entreabriram-na à margem — correnteza.

Abriu-se enlameada e cheia de sangue;  
pedras brutas em pó pulverizadas,  
barramentos de lama impura e amarga,

milhões de toneladas da matéria  
presa, apodrecida e estratificada;  
britadeiras, tinidos e rotores,

os rancores despertos dos minérios,  
metálicos sons da transformação  
bruta da natureza devorada.

Abriu-se escorrendo de cada poro  
os resíduos da indústria minerária;  
foram-se os tachos de dona Geralda

e as panelas e as florestas e as rezas  
e ossos e paredes e caminhos  
e músculos e telhados e galhos;

foram-se as festas do Gesteira Velho  
e o umbigo ao pé da roseira branca,  
diluindo-se pelo charco espalhado.

Os mais soberbos riscos calculados,  
a abjeta matemática, a violência  
extrativista, a engenharia fáustica,

a força que se prolonga e devora  
seiscentos quilômetros de extensão,  
violando a existência de tudo o que

nasce, vive e na terra se define;  
o que nos gabinetes se elabora,  
o exercício colonial do poder,

a violência racista e patriarcal,  
a guerra judicial contra Gesteira,  
tudo se engolfou em uma pelota

do minério-ferro transnacional,  
e a máquina que maquina e devora,  
a preço forçado, a vida expropriada,

se recompôs — sem a si se ofertar.  
Ninguém havia ao alto da montanha,  
e a própria montanha não havia mais.

\* Releitura de “Máquina do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade.

## Sobre o autor

### **Guilherme Cavicchioli Uchimura**

Doutorando em Políticas Públicas pelo PPPP/UFPR - Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Paraná, com bolsa pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Mestre em Políticas Públicas pelo mesmo programa (2017-2018). Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Londrina (2010-2014). Associado ao IPDMS - Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais. Membro da equipe editorial do periódico InSURgência: Revista de Direitos e Movimentos Sociais.

A imagem que ilustra este poema é uma fotografia que retrata Gesteira, distrito de Barra Longa/MG atingido pelo rompimento da Barragem de Rejeitos de Fundão, das mineradoras Samarco, Vale e BHP Biliiton, em 5 de novembro de 2015. A fotografia, de julho de 2016, é de autoria de Felipe Werneck (Ibama), licenciada sob atribuição Creative Commons 2.0. Com outras imagens, compõe a série que está disponível em <https://www.flickr.com/photos/ibamagov/29411494350>.